

## **Discurso de Tomada de Posse do Presidente do Conselho Nacional da AOFA**

**Tenente-Coronel António Costa Mota**

**( 12 de Maio de 2016 )**

Excelentíssimas Senhoras e Senhores representantes das Entidades Militares e Civis aqui representadas

Excelentíssimas Senhoras e Senhores Oficiais das Forças Armadas

Excelentíssimos Membros dos Órgãos Sociais da Associação de Oficiais das Forças Armadas

Excelentíssimos representantes das Associações e Clubes Militares

Excelentíssimos Familiares e Amigos aqui presentes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Camaradas

A todos e em nome da Associação de Oficiais das Forças Armadas que agora presido quero transmitir-vos o nosso agradecimento e orgulho pela honra que nos dão em aqui estarem connosco neste momento, para nós, tão especialmente relevante. Muito obrigado.

Permitam-me que inicie esta minha alocução de tomada de posse dirigindo-me a todos os Membros dos Órgãos Sociais da AOFA que acabam de terminar o seu mandato, personificando no meu antecessor na Presidência, Coronel Manuel Cracel, algumas palavras que não posso deixar de, nesta circunstância, transmitir-lhe e, através dele, ao colectivo que nos constituímos.

Meu caro Camarada e Amigo Coronel Cracel

Os cerca de cinco anos que estiveste na Presidência desta Associação terão sido, porventura, os mais duros e difíceis da nossa história de mais de 23 anos, mas igualmente, por paradoxal que pareça, os mais profícuos, factos que por si só permitem concluir que exerceste os teus mandatos com exemplar dedicação, motivação e empenho às nossas Causas, Valores, Princípios e Ideais e onde as tuas qualidades pessoais, profissionais e de liderança fizeram com que uma

vasta equipa de Oficiais funcionasse como um verdadeiro colectivo em prol dos superiores direitos e expectativas dos Militares e particularmente dos Oficiais e respectivas Famílias.

Através de uma dedicação a toda a prova soubeste liderar o processo de transformação da AOFA, quer a nível interno quer externo, deixando-nos um legado de enorme responsabilidade que tudo faremos para consolidar e, porque sabemos que é sempre possível fazer mais e melhor, se possível, incrementar. A fasquia está indubitavelmente colocada num nível muito elevado e se o mérito de tal facto se deve ao trabalho incansável, abnegado e desinteressado da equipa forte e coesa com que te soubeste rodear, não é menos verdade que muito do que hoje somos resulta efectiva e directamente do teu próprio trabalho e empenho que cedo a todos se foi revelando um exemplo a seguir.

A AOFA é hoje consensualmente reconhecida como uma Associação credível, representativa e que efectivamente pugna, de forma isenta, pelos interesses dos Oficiais das Forças Armadas, representando-os nos mais diversos fóruns nacionais e internacionais onde se dirimem as questões de âmbito Socioprofissional, Assistencial e Deontológico fazendo jus ao que legalmente nos é reconhecido e se encontra plasmado nos nossos Estatutos.

Fastidioso seria, dada a sua extensão, aqui referir o muito que foi desenvolvido e conseguido nos últimos anos, mas não posso deixar de salientar alguns paradigmáticos exemplos :

Foi definitivamente ultrapassado o paradigma segundo o qual a AOFA se constituiria como uma Associação cuja representatividade se limitava praticamente à de Oficiais na Reserva e na Reforma. Em abono da verdade nunca o foi mas nos últimos 5 anos o número de Oficiais Sócios no Activo passou sensivelmente de 18% para cerca de 35%, duplicando, números tão mais significativos quando nestes mesmos 5 anos o número global de Sócios cresceu mais de 30%.

Este crescimento significativo aliado à estratégia, que hoje podemos afirmar de pleno sucesso, de aposta na aproximação efectiva aos Oficiais mais jovens, através dos múltiplos canais de comunicação, modernos e eficazes, de que hoje dispomos (Página Oficial na Internet, Presença nas Redes Sociais onde só a nossa página no Facebook já ultrapassou os 28 Milhões de acessos, Resumo de Imprensa diário, Blogue da AOFA e mais recentemente o Boletim da AOFA),

permite que hoje sejamos reconhecidos pela qualidade e oportunidade da informação que prestamos aos Oficiais mas também aos nossos Concidadãos.

E o que dizer de uma realidade tão relevante como a nossa efectiva intervenção Social baseada na Rede Nacional de Protocolos, que, sem quaisquer custos associados, abrange não só os Oficiais sócios como os respectivos agregados familiares e que conta hoje já com cerca de trezentas Entidades Parceiras e mais de Dois Mil Postos de Atendimento em todo o País?

E do facto da AOFA ser uma Entidade Acreditada ao nível da promoção de Acções de Formação Cofinanciadas pelo Fundo Social Europeu que nos permitiu desenvolver, já em 2013 e 2014, projectos formativos de grande dimensão, em favor dos Militares, indo ao encontro das suas reais necessidades pessoais e profissionais, estando neste momento já em fase adiantada a implementação de novos projectos?

E do facto de ter a AOFA capacidade efectiva de apoio jurídico, em grande medida suportado por verbas próprias e que, na prática, se consubstancia neste momento no patrocínio de algumas centenas de processos que decorrem nos tribunais em defesa dos mais legítimos direitos dos Oficiais? De todos os Oficiais!

E da capacidade evidentemente demonstrada na realização de Eventos de grande dimensão dos quais os Seminários da Saúde Militar e sobre o futuro do IASFA são apenas dois bons exemplos?

Em todas estas situações e nas muitas mais que aqui ficam por referir, um denominador comum lhes está subjacente; A defesa justa, solidária e insubstituível de que nos orgulhamos, dos direitos dos Oficiais das Forças Armadas dada a especial condição que a todos nos caracteriza; A Condição Militar!

E porque é da Condição Militar e da sua defesa intransigente que se trata, continuaremos a trabalhar incessantemente nos três principais vectores de preocupação permanente e que de forma tão especialmente visível e eficaz foram aturadamente trabalhados ao longo dos últimos anos :

- Em primeiro lugar, as imprescindíveis alterações ao Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), com base no documento estratégico que recentemente produzimos e onde, para além do levantamento exaustivo dos problemas, apresentamos, para todos eles, as necessárias e mais que justas e

exequíveis soluções, recordando que se trata de um documento que, sendo da autoria da AOFA, passou por uma fase de consulta pública na qual a generalidade dos Oficiais tiveram a oportunidade de se pronunciar e, como é seu apanágio, não deixaram de o fazer, contribuindo para um resultado final reconhecidamente de enorme valia técnica e comprovada representatividade e onde se preconiza uma clara inversão do caminho de desestruturação das Forças Armadas, de Funcionalização dos Militares e de efectivo reconhecimento pelo papel ímpar que desempenhamos na Sociedade e onde se exige que seja dado tratamento diferenciado às questões que efectivamente nos distinguem de todas as restantes classes profissionais;

- Em segundo lugar os Serviços Sociais das Forças Armadas, que desde logo e através de uma forma de discriminação negativa e única no panorama nacional, o que por si só levanta muitas interrogações mas igualmente demasiadas certezas sobre o que lhe terá estado na génese, têm actualmente o estatuto de Instituto Público, condição que claramente não serve os interesses dos Beneficiários, facilitando, isso sim, um tipo de gestão contrária aos seus interesses como infelizmente temos vindo a comprovar. Também em relação a este importantíssimo dossier a Direcção que agora cessa funções desenvolveu um trabalho de inegável qualidade, recentemente tornado público através de um Seminário que levámos a efeito e onde as grandes questões da Missão, Governação, Financiamento e Património são detalhadamente abordadas sendo apresentadas propostas muito concretas de resolução justa para a imensidão de problemas graves com que se debate a vertente de Acção Social das Forças Armadas. Sempre estivemos, estamos e estaremos especialmente atentos e bem informados sobre tudo o que se passa no IASFA e porque efectivamente se trata, se assim o quisermos classificar, de “uma coutada dos Militares e das suas Famílias”, mas onde proliferam diversos caçadores furtivos, alguns deles, quicá, equipados com chapéus panamá na cabeça, não hesitaremos um segundo, como aliás já o fizemos num passado muito recente, a recorrer a todos os instrumentos legais e igualmente de vasta denúncia pública para defender o que é nosso e devolver aos Beneficiários aquilo que efectivamente apenas a eles é de pleno direito.

- Em terceiro lugar a denominada Saúde Militar na múltipla complexidade de vertentes que abarca e onde sobressaem os grandes temas; ADM e Hospital das Forças Armadas. Se no caso do Hospital das Forças Armadas são inequívocas as actuais incapacidades e insuficiências derivadas de um processo de extinção apressada dos Hospitais Militares da Marinha, Exército e Força Aérea que, todos

o antevíamos, inevitavelmente levaria aos resultados absolutamente nefastos que hoje se verificam e onde, por serem à priori demasiadamente evidentes, nos podemos legitimamente questionar senão terá havido premeditação nos errados procedimentos efectuados em todo este processo, já no caso da ADM, integralmente sustentada pelos Militares e suas Famílias e que na prática paga todos estes “erros de percurso” a situação é, também ela, absolutamente insustentável, por injusta, desde logo em face de uma discriminação positiva que está legalmente estabelecida na Lei de Bases Gerais do Estatuto da Condição Militar (LBGECM) e que configura actualmente precisamente o contrário; Uma discriminação dos Militares que é fortemente negativa como temos vindo ao longo dos últimos anos a denunciar e comprovar factualmente. Assim prosseguiremos até que a necessária justiça seja feita.

Por tudo isto, e muito mais, meu caro Camarada Manuel Cracel, quero transmitir-te a minha firme convicção de que tens todas as razões para uma vez mais sentires, e com ampla razão, que cumpriste a missão e que saís com a consciência perfeitamente tranquila de que deste o teu melhor, e que esse melhor chegou ao ponto extremo de colocares em causa a tua própria saúde! Pessoalmente e, estou certo, da parte da equipa que agora cessa funções, mas também daquela que agora as inicia, quero que saibas que tens todo o nosso reconhecimento, respeito e apreço e que serás certamente recordado como um grande presidente por tudo o que fizeste e por tudo o que impediste que nos fizessem. Para ti, camarada e amigo, o meu aplauso!

Mas a vida inevitavelmente continua e a Nossa AOFA é e será sempre mais importante do que qualquer um de nós, por muito que a nossa marca possa ficar historicamente registada da forma mais positiva.

Aos camaradas que hoje iniciam comigo este mandato, neles englobados os distintos membros da nossa Assembleia-Geral, do nosso Conselho Fiscal, do nosso Conselho Deontológico e, naturalmente, do nosso Conselho Nacional, não posso deixar de transmitir, porque é da mais elementar justiça que o faça e porque o coração e a razão assim o determinam, o meu profundo agradecimento e orgulho por terem aceitado abraçar este projecto, sabendo de antemão que o caminho a percorrer será tão difícil quanto desafiante, demonstrando desde logo que são Oficiais de verdadeira excepção e que, de forma absolutamente desinteressada e onde apenas nos move o dar um pouco de nós em prol de um colectivo que nos orgulhamos de integrar, estou certo que saberemos honrar todos aqueles que nos antecederam e criar as condições

para que um dia nos possamos orgulhar do legado que deixaremos aos nossos sucessores.

Nesta medida não posso, nem quero, deixar de realçar o facto assinalável e que nos deve fundamentar uma renovada esperança de que, pela primeira vez, uma expressiva maioria de mais de 60% dos Oficiais que integram o Conselho Nacional se encontra actualmente no Activo, facto que ainda mais releva a estirpe destas Mulheres e destes Homens que para além do cumprimento exemplar das missões que lhes estão incumbidas pela exigente profissão militar, resolvem agora dedicar parte substancial do seu tempo às nobres causas e objectivos que nos movem. Bem-Hajam!

Dirijo-me agora a todos os Oficiais das Forças Armadas Portuguesas, nas situações de Activo, Reserva e Reforma, neles incluídos os nossos camaradas que prestam temporariamente, mas não de forma menos relevante, serviço nos regimes de contrato e voluntariado. A todos, sem qualquer excepção, do Cadete ao General, Sócios ou não Sócios, a AOFA permanecerá atenta e interventiva, sem reservas e poupança de esforços, na defesa dos direitos e expectativas Socioprofissionais que legitimamente vos assistem. Sempre assim foi e sempre assim será porque nunca, em qualquer circunstância, fizemos ou faremos depender um maior empenho do facto de já terem ou não tomado a decisão de se associarem à AOFA! Não posso no entanto deixar de reiterar o nosso apelo para um facto que ninguém como os Militares conhece e reconhece como decisivo; O nível expectável de sucesso das missões que nos incumbem, também ao nível dos objectivos que determinam a actuação do Associativismo Militar, é directamente proporcional à união, ao espírito de corpo e solidariedade que demonstramos. Quanto maior for o nosso “Exército” necessariamente maior será o respeito que, à partida, é tido por nós e maior a capacidade de intervenção no terreno e de dissuasão que demonstramos em face das potenciais ameaças.

A todos aqueles que detêm o poder de decisão, neles englobados os Chefes Militares mas sobretudo os Políticos, dos mais diversos quadrantes, não posso, deixar de reiterar que para a AOFA a base da resolução de todos os problemas e a procura das inerentes soluções sempre foi, é e será, a do diálogo construtivo. Mesmo considerando que é a própria Lei vigente que o determina, mas porque essencialmente e desde logo os Militares são conhecidos por honrar a sua palavra e dificilmente concebem que os seus interlocutores não tenham idêntica lisura de procedimentos, a via do diálogo, do trabalho conjunto, do

aconselhamento, será sempre para nós a prioridade das prioridades. Este é, clara e inequivocamente um compromisso que unilateralmente aqui assumimos e para o qual, com renovada esperança, aguardamos que seja definitivamente compreendido e por todos levado à prática. Será pois sempre essa a via que privilegiaremos, sem prejuízo do recurso a todos os meios legal e democraticamente estabelecidos, sempre que para tal sejamos obrigados e estiverem em causa os superiores e legítimos direitos dos Militares ou, como infelizmente tem sido procedimento reiterado, violações grosseiras e interpretações enviesadas dos preceitos legalmente instituídos.

Três últimas notas mas nem por isso menos relevantes:

- Aos nossos Camaradas da Associação Nacional de Sargentos e da Associação de Praças. O caminho que em grande medida temos percorrido em comum demonstra, clara e inequivocamente, que é incomparavelmente mais o que nos une do que aquilo que nos separa. Tem sido aliás no respeito pelas diferenças e sobretudo no diálogo frequente e profícuo que em muito se tem alicerçado o reforço permanente do excelente relacionamento que hoje temos e que pela nossa parte reassumimos como um pilar importantíssimo da actividade e sucesso do Associativismo Militar no seu todo. Somos todos Militares. Partilhamos com orgulho a Condição Militar que faz de nós Combatentes por Portugal e pelos Portugueses. Partilhamos Valores e Ideais que apenas nós, Militares, intrinsecamente aprendemos, apreendemos e levamos diariamente à prática. Mantendo o integral respeito pela autonomia de cada uma das nossas Associações quero aqui deixar bem clara a nossa firme disponibilidade e intenção de, se possível, reforçar ainda mais os laços que nos unem, designadamente na procura incessante de novas oportunidades de colaboração e apoio recíprocos, tendo sempre em vista os grandes objectivos que sempre nos fizeram convergir.

- À Comunidade do Nosso Instituto de Odivelas, hoje aqui tão bem representada e que constitui parte integrante e absolutamente indissociável da Família Militar, à qual agradecemos de forma especial o apoio que aqui hoje nos trazem, queremos reiterar que o encerramento do Instituto não é para nós, longe disso, algo passado e definitivamente consumado. Em consequência, reassumimos o compromisso de levar o assunto a todas as instâncias Militares e do poder Político porque Portugal não pode, em circunstância alguma, conformar-se com decisões de consequências tão gravosas, tomadas de ânimo leve e baseadas em pressupostos comprovadamente errados, contra tudo e

quase todos, demonstrativas de tiques autoritários que consideramos intoleráveis e impróprios de um Estado de Direito. Infelizmente há momentos na vida em que não gostaríamos de ter razão e um desses momentos foi aquele em que alertámos, em devido tempo, que a extinção do Instituto de Odivelas, além de se revelar uma decisão profundamente errada e injusta mais não visava também que provocar a curto prazo a descaracterização do Colégio Militar e, a médio prazo, o seu desaparecimento. Decorrido sensivelmente um ano após o encerramento do Instituto de Odivelas, veja-se já o fogo cerrado a que está sujeito diariamente o Colégio Militar e o engrossar do número daqueles que já reclamam despididamente pela respectiva extinção. Recordo-me bem, por fui um dos lá esteve nesse dia, do episódio rocambolesco que se constituiu a votação na Assembleia da República que conduziu à extinção do Instituto de Odivelas, efectuada por poucos votos e que de imediato levou a que mais de 20 deputados, porque estavam obrigados à disciplina de voto, a fazer declarações posteriores a confessar publicamente que não concordavam com a decisão que eles próprios tinham sido obrigados a tomar. Que haja agora, da parte de todos, a coragem política de reverter esta situação, tanto mais que a conjugação de forças é agora inteiramente diferente. Fica desde já o desafio.

Termino dirigindo-me aos Familiares e Amigos de todos os Membros dos Órgãos Sociais que hoje tomaram posse. Sendo certo que deles já teriam motivos de sobra para se orgulharem, aquilo que vos peço é que redobrem e lhes demonstrem esse orgulho porque estão perante Mulheres e Homens de verdadeira excepção que tudo dão, sem nada pedir em troca, tantas e tantas vezes com prejuízo da sua vida familiar e bem-estar pessoal em prol das Causas, dos Valores e dos Princípios em que acreditam. Mulheres e Homens cada vez mais raros! Num equilíbrio que certamente se deseja entre os compromissos familiares e de amizade e o cumprimento das nobres funções que agora abraçam, haverá certamente momentos em que uma reunião, uma deslocação em representação da AOFA, um relatório que é preciso terminar em tempo ou mesmo uma leitura e uma resposta a uma mensagem de correio electrónico vos poderão roubar um bocadinho da atenção que garantidamente merecem. Nesses momentos, por favor, lembrem-se de que definitivamente “dos fracos não reza a história”.

Prosseguiremos com todo o empenho o trabalho pela concretização de uma AOFA cada vez mais forte e interventiva, a bem dos Oficiais e seus Familiares, na defesa da Condição Militar, da Instituição Militar, dos Militares que nela



Servem, da Constituição da República, da Soberania Nacional e da preservação do bem-estar dos Portugueses!

Muito obrigado